

## **A sombra do pai – sobre *O irmão alemão*, de Chico Buarque**

Georg Otte

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte / Brasil  
georg-otte@ufmg.br

Recebido em 21 de junho de 2016.

Aprovado em 13 de julho de 2016.

*Para Ana e Jaime.*

Após palestra apresentada em um evento no Rio Grande do Sul, o colega e amigo com quem dividia a mesa chamou, amigavelmente, a minha atenção. Pensei que fosse sobre qualquer afirmação que havia feito durante a minha exposição, mas a observação do amigo se referia à parte formal da palestra, isto é, aos meus agradecimentos: eu havia agradecido a recepção “cordial” que me foi dispensada. O que era para ser um agradecimento ingênuo, “de coração”, acabou sendo questionado, porque, pelo menos no meio acadêmico, não teria como usar inocentemente o adjetivo *cordial*, uma vez que foi em torno do “homem cordial” que um dos maiores historiadores e sociólogos do Brasil, Sérgio Buarque de Hollanda, construiu o capítulo mais famoso do seu clássico *Raízes do Brasil*.

Parece que a minha tentativa de reabilitar a cordialidade, devolvendo-lhe a franqueza e sinceridade originais, não havia dado certo. Primeiro porque, com as minhas raízes alemãs e apesar dos meus trinta anos no Brasil, sou sempre suspeito de não conhecer o significado pleno de uma palavra em toda sua amplitude cultural; segundo porque a minha luta quixotesca contra um dos gigantes da sociologia brasileira estava fadada ao fracasso. O meu agradecimento tinha algo de uma volta na roda de um moinho de vento, porque o peso que esse gigante da

sociologia havia dado à questão da cordialidade não poderia ser ignorado impunemente. O significado de uma palavra “é seu uso na linguagem”, diz Wittgenstein em suas *Investigações filosóficas*,<sup>1</sup> e é mérito de Sérgio Buarque de Hollanda ter desmascarado o uso e, sobretudo, o abuso desse adjetivo.

Mas as minhas raízes alemãs não impediram que ficasse sabendo, assim que dei início ao meu doutorado na UFMG, da importância desse autor, até porque era um dos poucos intelectuais brasileiros que conheciam a Alemanha e dominavam a língua alemã, passando, assim, pela influência (com licença do uso ingênuo do termo) de autores como Georg Simmel e Max Weber. Um colega do doutorado – outro amigo benevolente – me explicou que, para entender o Brasil, a leitura de três autores seria imperiosa: Sérgio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr. Meu dever de casa, portanto, estava definido (fiquei devendo a leitura do último), sendo que dois representantes da grande família Buarque de Hollanda já faziam parte do meu repertório: estudando as culturas ibero-americanas na Alemanha, não tinha como escapar do “Aurélio” e, convivendo com uma doutoranda brasileira, não tinha como escapar do “Chico”; ambos dispensavam o uso do sobrenome.

Se o parentesco entre esses dois últimos é apenas distante, aquele entre Sérgio e Chico chega a ser excessivamente próximo, pois ter como pai um dos maiores intérpretes da sociedade brasileira, “dono” do adjetivo *cordial* e de suas derivações, certamente representava um peso muito grande, e o melhor conselho que se pudesse dar ao filho era o de não seguir as trilhas do pai. Sabemos que Chico Buarque não precisou desse conselho – ou então deu preferência à herança materna – quando entrou no mundo da música, tornando-se uma das primeiras referências da MPB, não apenas para as doutorandas no exterior. Cabe destacar, no entanto, que essa carreira excepcional se deve, em grande parte, aos textos que, se não podem existir sem a música, são ao mesmo tempo indispensáveis para esta – inclusive para ironizá-la, como no caso de “*Bye, bye, Brasil*”, cujas palavras aparentemente triviais, cantadas num tom de leveza, reforçam, pelo contraste irônico, a situação extremamente angustiante da ditadura militar. Nenhuma dessas palavras era inocente.

Se Chico Buarque saiu da sombra do pai tornando-se uma estrela no céu da música brasileira, brilhando, por assim dizer, por sua própria

---

<sup>1</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas*. p. 43.

luz, a emancipação pelos livros demorou a acontecer, mas acabou sendo coroada por um sucesso editorial considerável – sempre suspeito, evidentemente, de ter “pegado carona” no seu sucesso como músico. Essa suspeita, no entanto, não se sustenta, não apenas considerando a sutileza no uso da letra nas músicas, mas também o sucesso literário na Alemanha e em outros países, onde sua música – devido à letra – apenas é conhecida por uma pequena comunidade de aficionados. Na Alemanha, uma exceção foi “A banda”, um sucesso puramente musical, tendo em vista que o texto alemão – cantado pela francesa France Gall – era extremamente trivial, repleto de chavões tropicais.<sup>2</sup>

O sucesso incontestado de *O irmão alemão* (*Mein deutscher Bruder*) na imprensa alemã culminou numa resenha relativamente longa do prestigiado semanário *Die Zeit*, em que o autor Jens Jessen não hesitou em classificar *Mein deutscher Bruder* como *Weltliteratur*, “literatura do mundo”. Esse conceito criado por Goethe designa não apenas a literatura de “qualidade mundial”, mas também aquela que possui um caráter cosmopolita. Sem dúvida, para Jessen prevalece o primeiro critério, quando diz não haver “nenhum detalhe que não seja calculado, até o mais divertido se revela como uma rodinha dentada que encontra seu lugar na engrenagem dessa prosa”.<sup>3</sup> Mas o próprio título do livro aponta para seu lado cosmopolita, tanto pela sua dimensão geográfica, quanto pela dimensão universal de uma constelação familiar, que, no mundo inteiro, costuma ser marcada por tensões e conflitos. A geografia e a questão familiar se fundem nesse livro com um caráter altamente autobiográfico, pois Chico Buarque tinha mesmo um irmão alemão que acabou sendo descoberto, *post mortem*, após uma longa busca que contou até com a ajuda do historiador João Klug. Segundo os esclarecimentos deste, esse meio-irmão foi “fruto do relacionamento de seu pai, Sérgio Buarque de Hollanda, com uma alemã, durante sua passagem pelo país entre 1929 e 1930, como correspondente de *O Jornal*.”<sup>4</sup>

<sup>2</sup> Cf. FRANCE Gall – A banda (Zwei Apfelsinen im Haar) (1968). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sIIWxhcNFbk>>.

<sup>3</sup> “Kein Detail kommt unbedacht, selbst das amüsanteste erweist sich als ein Rädchen, das seinen Platz im Uhrwerk dieser Prosa findet” (JESSEN, Pochen des aufgewühlten Herzens. p. 47, tradução minha).

<sup>4</sup> NEHER. Historiador revela detalhes sobre “irmão alemão” de Chico Buarque. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/historiador-revela-detalhes-sobre-irm%C3%A3o-alem%C3%A3o-de-chico-buarque/a-18079537>>.

Tendo em vista o caráter autobiográfico do livro, parece ser óbvio que, no Brasil, houvesse grandes expectativas em se ter mais informações de primeira mão sobre esse peso pesado da historiografia brasileira, mesmo estando, no título, esse pai apenas implícito. Mais uma vez, o filho, representado pelo protagonista Ciccio, corre o risco de ficar na sombra do pai, e é no mínimo curioso que a própria editora apresente o livro “explicando o título”, isto é, centralizando a figura do pai para esclarecer apenas no final da sinopse que o “autor usa a realidade como fonte da ficção”.<sup>5</sup> Acontece que essa distinção entre realidade e ficção não é apenas problemática desde a *Poética* de Aristóteles, mas também para o bom senso: todo autor usa a realidade como fonte da ficção, e um irmão alemão, encontrado por acaso na correspondência que o pai havia trocado com as autoridades do governo nazista, não deixa de dar vazão a uma grande ficção, por mais real que tenha sido o impulso inicial.

Para Ciccio, a carta encontrada é a materialização da existência de um irmão quase extinto pelo silêncio em torno dele, dando início a uma busca de muitos anos. A carta torna-se “fonte de ficção” dentro de uma ficção marcada por referências reais, ou então uma “superfície de projeção” (*Projektionsfläche*), de acordo com a autora da resenha no *taz*, o *tageszeitung* de Berlim, um jornal de renome nacional, conhecido pelo seu caráter marcadamente não conformista ou, como se diz, “alternativo” (à maneira do *Libération* parisiense).<sup>6</sup> A carta é a tela na qual Ciccio projeta seus sonhos e devaneios.

Se, na vida real, a sombra do pai era inevitável devido ao prestígio que possuía como intelectual de renome, no livro, essa sombra se torna ainda mais escura devido às proibições impostas ao filho, sendo a primeira delas a de pôr o pé na biblioteca, à qual o irmão mais velho tinha acesso – e a mãe, em seu papel de “bibliotecária” indispensável quando o pai se punha a escrever um texto e precisava “assuntar” determinada questão em determinado livro desse acervo de 15.000 volumes. Quando Ciccio fracassa na tarefa de levar um texto à redação de um jornal, pois ele acaba sendo molhado pela chuva e moído pelo pneu de um carro, seu destino de “excluído” parece ser selado.

<sup>5</sup> O IRMÃO alemão. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13482>>.

<sup>6</sup> DIEDERICHSEN. Surreale Suche. Disponível em: <<http://www.taz.de/!5303150/>>.

Até o dia em que invade o santuário do pai – a biblioteca – e encontra a referida carta na tentativa desesperada de se aproximar dele através da leitura, em língua inglesa, do *Ramo de ouro*, esse clássico da antropologia de James George Frazer. O título do livro de Frazer remonta à *Eneida*, de Virgílio, em que um ramo de ouro abre ao herói o acesso ao Hades. Para Ciccio, o *Ramo de ouro* abre o acesso não exatamente ao mundo inferior do pai, mas a um mundo escondido – ou pelo menos silenciado – na vida dele. Entre asas de inseto, bulas de diversos remédios e as cinzas de cigarro, entre os “restos” do pai, ele encontra a carta que não apenas permite a Ciccio reconstituir, “benjaminianamente”, parte da vida do pai, mas ainda fantasiar um irmão distante que, pela distância, lhe permite todo tipo de devaneio, ao contrário do “irmão brasileiro” mais que real, que parece ser o guardião do santuário.

Há outros “irmãos” no livro: há Thelonious, amigo íntimo, com quem rouba carros e comete todo tipo de infração. Da mesma maneira que Thelonious se torna um irmão substituto, arrombar um carro, entrar no espaço privado de outra pessoa e sentir o prazer de encontrar objetos pessoais no porta-luvas são atos que o leitor pode até achar um tanto exagerados quando os enfrenta logo nas primeiras páginas do livro, mas acabam fazendo sentido dentro de um jogo de analogias em que as limitações de um lugar se refletem nas liberdades do outro. Evidentemente, Thelonious e, muito menos, Udo, o amigo alemão deste último (que serve como tradutor da carta), não conseguem concorrer com o maior de todos os espelhos (ou superfícies de projeção), a saber, o irmão alemão, assim como a vida real não consegue concorrer com a ficção.

## Referências

BUARQUE, Chico. *Mein deutscher Bruder*. Tradução de Karin von Schweder-Schreiner. Frankfurt/M.: S. Fischer Verlag, 2016.

BUARQUE, Chico. *O irmão alemão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DIEDERICHSEN, Detlef. Surreale Suche. *Die Tageszeitung (taz)*, Berlin, 21 Mai 2016. Disponível em: <<http://www.taz.de/!5303150/>>. Acesso em: 22 maio 2016.

FRANCE Gall – A banda (Zwei Apfelsinen im Haar) (1968). Youtube, 25 out. 2010. Vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sllWxhcNFbk>>. Acesso em: 12 maio 2016.

JESSEN, Jens. Pochen des aufgewühlten Herzens. *Die Zeit*, Hamburg, n. 20, 4 Mai 2016, p. 47.

NEHER, Clarissa. Historiador revela detalhes sobre “irmão alemão” de Chico Buarque. *Deutsche Welle (DW)*, Berlin/Bonn, 21 nov. 2014. Cultura. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/historiador-revela-detalhes-sobre-irm%C3%A3o-alem%C3%A3o-de-chico-buarque/a-18079537>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

O IRMÃO alemão. Companhia das Letras. Sinopse. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13482>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999.